

A LIBERDADE DA MULHER NA VIDA PÚBLICA E A PRISÃO NA VIDA PRIVADA?

Prof^ª Dr^ª Helena Alvim Ameno

Prof. Dr. Pedro Pires Bessa

Mestra Alba Valéria Durães Milagres

Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais

FUNEDI/EUMG - *Campus* de Divinópolis - MG

RESUMO

Nosso objetivo com este trabalho é o de apresentar uma análise sobre o comportamento da mulher como importante referência de transformação social. Levaremos em conta algumas características sociais e científicas da pós-modernidade para podermos verificar a relação entre cultura, discurso e sociedade. Faremos uma análise das conquistas da mulher para procurarmos estabelecer quais as consequências positivas e ou negativas para que ela possa enfrentar a realidade social e como o discurso a representa. Para isso relacionaremos a violência contra a mulher, na crônica “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão”, de Affonso Romano de Sant’Anna, com intuito de evidenciarmos a banalidade do machismo como presença marcante na relação homem-mulher. Vale a pena ressaltarmos que, na análise feita, é significativo o papel relacional entre características sociais e representação literária.

Palavras-chave: Mulher. Violência. Social. Literatura. Contemporaneidade.

ABSTRACT

Our objective in this essay is to present an analysis on the behaviour of the woman as an important reference in social transformation. We take into consideration some of the social and scientific characteristics of post modernity in order to be capable of verifying the relationship between culture, discourse and society. We make an analysis of the conquests of the woman while seeking to establish what the positive and negative consequences of this were so that she could face the social reality and how this was represented in discourse. To this end, we relate violence against the woman in the chronicle “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão”, of Affonso Romano de Sant’Anna, with the aim of showing the banality of “machismo” as the important presence in the relationship of man and woman. It is worth pointing out, that in the analysis made, there is significance in the relationship and role between the social characteristics and their literary representation.

Keywords: Woman. Violence. Social. Literature. Contemporary society.

1 INTRODUÇÃO

Ao levarmos em conta que a mulher aparece na contemporaneidade como forte elemento a ser analisado, não é de difícil aceitação o fato de ela ter se tornado uma das fontes de referência para nós. Por isso, a partir de algumas vitórias e uma situação que ainda aprisiona a mulher, traçaremos um indicador de como se forma esse perfil de identidade cultural.

Procuraremos fazer uma discussão acerca das conquistas sociais da mulher, no que se refere à vida pública e privada. É certo que para estabelecermos tal reflexão, torna-se necessário considerarmos as características sociais em que estamos inseridos. Para isso, contaremos com o trabalho de relação estatística feito por Giddens.

Pelo fato de a mulher estar inserida em um complexo meio social, pretendemos incluir, nesta análise, teorias sobre os estudos culturais, embasados em Williams e endossados por Cevasco, para darmos respaldo às analogias que estabeleceremos. Acrescentaremos a essa abordagem a relação entre imagem e tempo apresentada por Deleuze, pois segundo o primeiro é precisa a união de forças para entendermos a complexa rede de relações que constitui a contemporaneidade.

Partindo desse levantamento teórico, pretendemos verificar como é o quadro da violência contra a mulher, através de pesquisa analisada por Rago, juntamente com a produção literária. Incluiremos comentários sobre fragmentos do texto “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão”, de Affonso Romano de Sant’Anna, com o intuito de relacionarmos a representação literária de um acontecimento tão injustificável como a violência contra a mulher. Assim, fica evidente que a temática preocupa pesquisadores dos estudos sociais e também a arte.

2 CRÔNICA – REALIDADE – VIOLÊNCIA

Partiremos da análise do texto “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão”, de Affonso Romano de Sant’Anna, com o intuito de relacionarmos a representação literária de um dos acontecimento que ainda aprisionam a mulher. Nessa crônica, o autor utiliza-se do estilo de cordel para criticar a ação de um

marido que fere a ferro quente o rosto da esposa ao descobri-la infiel. Além disso, o cronista também nos apresenta uma crítica direta ao marido, aludindo às estatísticas terríveis que acompanham a mulher em seus relacionamentos amorosos.

As decisões que tomamos na vida cotidiana sobre o que vestir, como nos comportar e como gastar o nosso tempo, ajudam a nos tornar o que somos. O mundo moderno força a que encontremos a nós mesmos. Por meio de nossa capacidade como seres humanos autoconscientes, constantemente criamos e recriamos nossas identidades. (GIDDENS, 2005).

Temos, dentro do modelo social contemporâneo, uma multiplicidade de formas para nos moldar e criarmos nossas próprias identidades. Somos nosso melhor recurso para definir o que somos, de onde viemos e para onde vamos. As referências tradicionais para padrão de comportamento já não são mais caminhos únicos a serem seguidos. O mundo social confronta-nos com uma quantidade vertiginosa de escolhas acerca de quem somos, de como devemos viver e do que devemos fazer.

Que as relações sociais mudaram e muito, principalmente no último século é uma constatação bastante óbvia. É importante verificarmos como se caracteriza a multiplicidade de identidade que as mudanças trouxeram para o indivíduo ao longo das décadas. Se considerarmos o papel da mulher dentro do espaço social, verificamos que é uma temática importante na contemporaneidade, porém as respostas não são tão claras ou definitivas. Ao notarmos que a mulher luta para obter os direitos reconhecidos em todos os setores, concluímos que este é um aspecto muito significativo. Moraes afirma que “As mulheres brasileiras, discriminadas e oprimidas, como na maior parte das sociedades, constituem, entretanto, um dos segmentos que mais se destacam na luta pela universalização dos direitos sociais, civis e políticos.” (MORAES, 2003, p. 495).

Segundo Foucault (1977), “o poder se exerce, não se possui”. O poder produz verdades, disciplina e ordem, mas também está sempre ameaçado de se perder. Quem desobedece tem um campo de possibilidades e readequação de obediência aparente, mas desobediência real de resistência, manipulação da subordinação. Daí, então, ser comumente aceito que o lugar de controle, de poder das mulheres, em nossas sociedades, estaria no desempenho dos papéis das mães-esposas-donas-de-casa. A reprodução, o direito de se dispor do próprio corpo à sedução, a organização da vida doméstica, revelariam o

empoderamento das mulheres. Ao mesmo tempo, o espaço particular pode se tornar contraditório, inseguro, sempre de tensão onde pode gerar impasses e polarização do debate “vitimização” (violência localizada no pólo masculino) ou “cumplicidade” (jogo relacionar da violência).

Ainda de acordo com Foucault (1977), a violência pode ser observada, no campo das relações afetivas e sexuais e ser compreendida enquanto jogo a ser vivido a dois. A superação do conflito não pode ser uma guerra na qual se mata ou se morre, mas sim um espaço de negociação permanente. Nessa dimensão, a discussão sobre a violência avançou, porque as mulheres puderam falar com outras mulheres – com as quais havia um ponto de referência comum – e foram, então, sensibilizadas para formular perguntas, hipóteses, começar a entender e tecer a *produção de sentido* existente nos discursos das outras.

Um dos discursos frequentes acerca do que há em torno das mulheres revela-se mediante às diferenças de gênero. A teoria de gênero quanto ao aspecto cultural, ressalta a dimensão psíquica, presente no imaginário, na formação da personalidade, no âmbito das relações familiares, e a repetição dos símbolos e valores que são absorvidos pelo psiquismo que tem como referências as imagens parentais, ou seja, o modelo dos pais (SCOTT, 1990).

Muitas mulheres relatam episódios de violência vividos por seus pais na infância e hoje, estão revivendo com seus maridos ou companheiros este fenômeno. Essas mulheres acabam não se reconhecendo como sujeito; é difícil sair do papel de queixosas e passar para o papel em que o respeito permeie o relacionamento conjugal. A violência atua como um fator impeditivo, funciona como bloqueio do “eu”.

Nessas relações são negadas as diferenças, a autonomia um do outro, negando-se a “si” e depois o “outro em prol do meu”, e quando aparece a frustração e a insatisfação, recorre-se a violência, como tentativa de resolução do conflito. Algumas mulheres falam da necessidade que sentem de ter um espaço, onde possam falar e serem ouvidas, até para se apropriarem da condição feminina.

Assim, se analisarmos o papel da mulher como agente do social, verificamos que muito ela conquistou, mas ainda há várias contradições que a envolvem. Por um lado, não há dúvida de que sua vida melhorou visivelmente em alguns aspectos. Ela pode se dedicar ao trabalho e ao seu desenvolvimento

profissional, ter acesso ao estudo, pode escolher se quer casar e constituir família ou não, consegue alcançar independência financeira, tem condições de viver sozinha, pode participar ativamente da vida política do país e as tarefas domésticas não são consideradas sua responsabilidade exclusiva. Por outro lado, algumas circunstâncias denunciam que ela ainda não tem total autonomia para administrar sua vida e tomar os cuidados necessários para garantir a sua integridade física, emocional e psíquica, principalmente quando consideramos a vida privada. O crescimento da violência doméstica é um forte sinal de que a vida privada das mulheres não anda um mar de rosas. É importante ressaltarmos o posicionamento da pensadora Hannah Arendt:

Uma vez que a nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, e portanto da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir da treva da existência resguardada, até mesmo a meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública. No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público: neste, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado. (1981, p. 61).

Quem diria que quem se mostra tão forte na vida pública e realiza tantas conquistas apresentaria tal fragilidade quando o que está em jogo são as emoções, o relacionamento afetivo e sexual, a vida a dois? Por que as mudanças sociais que proporcionam a formação de identidade não estão também abertas nesse aspecto para a mulher?

Algumas pistas são bastante evidentes e podem nos ajudar a entender tal paradoxo e vale a pena ressaltarmos uma delas. As mulheres ainda recebem uma educação absolutamente machista e é por ela que são introduzidas na vida sócio-cultural. E essa constatação torna-se mais espantosa quando nos damos conta de que a principal responsável pela educação familiar continua sendo a mãe e de que a educação escolar é praticada também por uma grande maioria de mulheres. Dessa forma, se os Estudos Culturais procuram analisar e traçar referências acerca das características que especificam a identidade de um grupo social, confirma-se no papel da mulher o posicionamento de Williams. Segundo

este estudioso, cultura é “considerada como ‘as artes’, e ‘o trabalho intelectual do homem.’” (2000, p. 11).

“Será que as mulheres transmitem preconceitos de gênero aos mais novos por que se sentem inferiores aos homens e por que não conseguiram se livrar dessa história? Pode ser.” (MORAES, 2003, p. 505-506). Parece, em um primeiro momento, que apesar das conquistas públicas, um dos traços marcantes de identidade enquanto gênero é o papel que a mulher exerce como esposa; fica, assim, ligada aos trabalhos domésticos e ligada às decisões do marido. Infelizmente, muitos deles ainda são muito machistas e possuem o pensamento voltado para se posicionarem diante da escolha das esposas.

Desse modo, podemos verificar que o discurso social para o papel da mulher é polifônico: são muitas as vozes que buscam analisar e ditar as regras; e também polissêmico: a mulher não é uma definição apenas, ela é múltipla, plural. É por isso que para cuidar dessa temática tão pertinente, uma vez que se trata da cidadania e de valores democráticos, apenas um olhar, um viés para compreender o mistério que ainda envolve o papel da mulher no contexto social, torna-se imprescindível buscar novas formas de olhar este objeto.

Se sob alguns aspectos do discurso social, a mulher está sob um limite – infeliz! – de subserviência, um outro olhar sobre esse tema pode nos ser revelador. E é aqui que lançaremos mão de uma perspectiva literária para tratar a temática da violência contra a mulher. Com essa finalidade, tomaremos como referência de análise alguns fragmentos da crônica “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão” de Affonso Romano de Sant’Anna.

Há notícias que se lêem e parecem ficção. Achando que sua mulher o traía há um tempão, seu José Salustiano, plantador lá do sertão, depois de muito pensar, tomou uma decisão. Ia ensinar à mulher uma terrível lição, pra mostrar que cabra macho não suporta traição. Mandou preparar um ferro, vermelho como um tição, com quatro letras gravadas na ponta do vermelhão. Na ponta do ferro havia quatro letras flamejando, letras de fogo e de fúria, queimando na escuridão. Só de ver aquelas letras – o MGSM – o rosto de dona Lúcia se retorce todo e treme, muito chora e toda geme e pede, com horror, perdão. [...] Pegou o ferro queimado, marcou-lhe as letras na testa, marcou-lhe do rosto os lados, enquanto Lúcia ia urrando com aquelas letras de dor: Mulher Gaieira Só Matando. (2003, p. 205).

Este excerto nos aponta a reação do marido machista diante da descoberta sobre a infidelidade da mulher. Percebemos que o caso trata de uma atitude estremada, pois o impulso de querer castigar a esposa por uma escolha feita por ela, é marcadamente violento.

Podemos considerar que analisar a representação literária como temas universais ou atemporais é uma forma de estruturar uma relação trans entre o interno e o externo, ou, para usarmos a expressão de Williams e ressaltar mais uma semelhança, entre projeto e formação sócio-histórica, entre identidade e sociedade. Desse modo estruturado, podemos nos aproximar das peculiaridades, como se inclui a forte influência do comportamento da mulher para representar a cultura das sociedades. Sabemos que um tema definidor da cultura se desenvolve em torno da dualidade homem/mulher, em que, ainda, o primeiro parece prevalecer sobre o segundo.

Uma faceta do padrão machista que caracteriza as relações de gênero predominantes em todo o país se expressa nos dados, pela primeira vez aferidos nacionalmente¹, referentes à violência conjugal contra as mulheres – um fenômeno cuja existência é conhecida, mas sobre o qual se fala pouco, contribuindo para que se reproduza sob sigilo e em nome de uma privacidade criminosa. (VENTURI et al., 2004, p. 24).

Em outro segmento, o cronista, além de posicionar-se diante do fato, contextualiza a grande presença de violência contra a mulher:

Meu caro Salustiano, você não só ferrou ela, você nessa se ferrou. Arregale seus ouvidos pras coisas que eu vou dizer. Eu não quero te espantar e nem menos convencer, quero apenas conversar, sem firulas de doutor, como um homem só conversa diante do próprio horror. Eu sei que é muito difícil, olhando a televisão, com tanta notícia fresca de violência de machão, fica difícil, eu dizia, governar sua emoção. Mas as coisas, seu José, já vão noutra direção. Mulher a gente não mata e nem dá bofetão, embora haja até ricos que caíam na tentação. (SANT'ANNA, 2003, p. 206).

É pertinente observarmos que o narrador utiliza características típicas da produção de literatura de cordel para criticar a atitude daquele marido. As rimas evidenciam o caráter explícito de reprovação total para tal atitude. Além disso, podemos perceber o desejo do narrador de eliminar qualquer possibilidade de

¹ Pesquisa realizada, em outubro de 2001, pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo, com intenção de investigar "A mulher brasileira nos espaços público e privado".

resposta, por parte do marido, para tentar justificar-se. Ao apresentar a violência como um fato considerado pela maioria como algo banal, o autor o faz para reprovar essa atitude. É importante também evidenciarmos o fato de o crítico mencionar os ricos – para que não haja o pensamento de que violento é o pobre, o inculto – o cronista explicita a triste realidade sobre as características da violência contra a mulher: não depende de classe social, escolaridade, cor ou raça.

Segundo as estatísticas, ao se categorizar os crimes, verifica-se que são os homens, em maioria absoluta, os agressores e as mulheres as vítimas, nas agressões domésticas. As estimativas afirmam que um quarto de mulheres é vítima em algum momento da vida, mas todas enfrentam a ameaça desses crimes tanto direta quanto indiretamente. (GIDDENS, 2005).

Após apresentar as consequências para a esposa, marcada para sempre com a terrível atitude do marido, o narrador acrescenta a luta das mulheres para conquistar suas escolhas:

Mas você, Maria Lúcia, não pode ficar parada. Tem que seguir na vida, mesmo estigmatizada. Ao se casar com José, tendo o nome de Maria, você achou sua cruz. Mas quem sabe se essas letras na sua cara deixadas, são o princípio da fala, que você tinha guardada e que agora à luz do dia pode ser anunciada? Mas se é fraca a sua voz e não está preparada, as mulheres do país e os homens que perceberam que esse tipo de violência está mais que ultrapassado, talvez a tomem por símbolo e no seu rosto se veja, em vez de mulher vencida, uma mulher cuja vida foi de novo inaugurada. (SANT'ANNA, 2003, p. 207).

Ao dialogar com aquela esposa, o cronista apresenta a ela a fragilidade típica de mulher, diante do ato de violência, além de chamar a atenção para o fato de estar mais do que na hora de todos perceberem o quão absurda é a agressão do homem contra a mulher.

A atitude do autor nos coloca diante do comportamento legislativo-judiciário para com essa realidade. Durante muitos anos, esses delitos foram ignorados pelo sistema de justiça criminal; e as vítimas tinham de persistir incansavelmente para ganhar um recurso legal contra um agressor. Mesmo nos dias de hoje, a instauração de processo de crimes contra as mulheres ainda está

longe de ser simples. Contudo, a criminologia feminista tem feito muito para aumentar o grau de consciência em relação aos crimes contra as mulheres e para integrar esses delitos nos principais debates sobre o crime. (GIDDENS, 2005).

Frase como “O silêncio é cúmplice da violência” é slogan conhecido, que mostra a importância da visibilidade. As mulheres ainda silenciam sobre a violência doméstica, pois a nossa sociedade mantém resquícios do patriarcado. Falar de uma mulher como “esposa” é colocá-la em uma categoria com características singulares, historicamente imbricada e internalizadas com o ordenamento completo de previsões socialmente padronizadas quanto à sua conduta e natureza. O modelo da categoria “esposa” aceito pela sociedade é de alguém que deverá cuidar da casa, dos filhos, receber os amigos, ser boa, deve estar sempre pronta para atender às necessidades dos outros: marido, filhos e até mesmo dos pais.

Seguido de uma exposição crítica de um caso-exemplo envolvendo a violência contra a mulher, o cronista-poeta finaliza o texto com grande lirismo metafórico: “Maria Lúcia, eu lhe digo: em vez da noite e opressão, o vermelho no seu rosto tem a força da alvorada e pode ser o sinal da libertação.” (SANT’ANNA, 2003, p. 207).

Ao afirmar “pode ser o sinal da libertação”, Sant’Anna nos remete a uma realidade significativa para o meio social. Sobressai a idéia de que depende da atitude da mulher para se chegar a caminhos frutíferos. Através da construção cuidadosa do cronista – um homem – que fique evidente a luta de Maria Lúcia – uma mulher. Talvez este seja um forte indício do que fazer para responder/solucionar a posição antagônica da mulher.

Talvez ela precise ser observada e cuidada com gentileza para se revelar e conquistar, não só liricamente, o respeito do homem e do meio social. Afinal, a mulher não mudou sozinha, o mundo também se transformou, é o que afirma Rago:

Se a receptividade atual ao feminino pode ser considerada resultante da invasão do mundo público pelas mulheres, ou melhor, da dissolução das fronteiras simbólicas construídas entre público e privado, das pressões do feminismo e da diminuição do medo que causava, assim como da própria mudança da consciência de gênero das mulheres, pode-se notar que se deve ainda, em parte, à própria falência de modos masculinos de organizar e gerir a vida social, num mundo marcado pela violência, pela desagregação social, pela atomização do indivíduo e por uma profunda crise nas formas da sociabilidade, incluindo-se as de gênero. (2004, p. 37).

Cabe acrescentarmos que, diante da moldura com a atitude contemporânea da mulher, o elemento considerado como *gestus*, em geral, é o vínculo ou o enlace das atitudes entre si, a coordenação de umas com as outras, mas isso só na medida em que não depende de uma história prévia, de uma intriga preexistente ou de uma imagem-ação. Pelo contrário, o *gestus* é o desenvolvimento das atitudes nelas próprias, e, nessa qualidade, efetua uma teatralização direta dos corpos, frequentemente bem discreta, já que se faz independentemente e qualquer papel. Desse modo, para entendermos o comportamento da mulher, no agora, precisamos levar em conta as características que compõem a cena contemporânea. (DELEUZE, 2005).

Um gesto importante que significa uma vitória feminista é a conquista em forma de legislação. Com o intuito de proteger, apoiar as mulheres e punir os infratores – deixando claro que entre briga de marido e mulher, mete-se, sim, a colher – o governo sancionou a lei 11.340². É claro que apenas uma lei não resolverá sozinha a problemática, mas é um passo importante para formar um conjunto de atitudes político-sociais a fim de proporcionar à mulher uma condição de vida livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exame de alguns aspectos sobre a o papel da mulher na contemporaneidade, notamos que não há uma definição pré-estabelecida que dê conta de suas características, uma vez que ela expressa um conjunto heterônimo de fatores.

Ao verificarmos essa heterogeneidade, notamos que as funções múltiplas da mulher tornam-se paradoxais e fazem dela um misto de independência e subserviência. Dessa forma, os valores estão muito misturados e ainda arraigados

² Conhecida como Lei Maria da Penha a [lei](#) número 11.340 decretada pelo [Congresso Nacional](#) e sancionada pelo presidente do [Brasil Luiz Inácio Lula da Silva](#) em [7 de agosto](#) de [2006](#); dentre as várias mudanças promovidas pela lei está o aumento no rigor das punições das agressões contra a [mulher](#) quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A lei [entrou em vigor](#) no dia [22 de setembro](#) de [2006](#), e já no dia seguinte o primeiro agressor foi preso, no [Rio de Janeiro](#), após tentar estrangular a ex-esposa.

A introdução da lei diz:

« Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.»

no machismo.

Percebemos que entre esses valores está a escravidão com relação à violência doméstica. Após algumas considerações acerca do discurso que a sociedade imprime sobre a mulher, tornou-se imprescindível a análise de alguns pontos da crônica “Cordel da mulher gaieira e do seu marido machão”, de Affonso Romano de Sant’Anna para amarrarmos as pontas das idéias desenvolvidas.

Endossamos a importância sobre a representação literária para interagir junto ao leitor essa problemática social. Podemos amarrar os nós afirmando que somos nós o centro dos modelos culturais. Sem nós, os executores das ações, guiados pela nossa mente, nenhuma realização cultural seria possível. O que confirma o nosso perfil de seres movidos por influência de nossos valores culturais formados ao longo do tempo.

Desse modo, não podemos deixar de querer que a mulher encontre os caminhos para ser inteira dentro das representações sociais. Somente assim a mulher poderá afirmar que atingiu plenamente a liberdade: a do espaço público e a do espaço privado.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. "As esferas pública e privada". In: **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983, p. 59-83.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para a normalização de publicações técnico-científicas**. 7. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004

GIDDENS, Anthony. "Cultura e Sociedade". In: _____. **Sociologia**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.40-56.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher... **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 8 de ago. 2006.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Brasileiras: Cidadania no feminino. In PINSKY, Jaime & Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

REVISTA ANARQUISTA BARBARIE. Salvador: Conferência realizada no Brasil por Michel Foucault, em 1976 e publicada nº. 4 e 5, 1981-1982.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2003.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In:--- **Mulher e realidade: mulher e educação**. Petrópolis: Vozes, 1990.

RAGO, Margareth. "Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria." In: VENTURI et al (Org). **As mulheres brasileiras nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 31-42.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000